

O

LIBERAL.

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—Gaspar Augusto d'Oliveira Faria Basto.

PUBLICA-SE A'S QUINTAS FEIRAS.



NUMERO I.

Assignatura para Braga, anno.....1/600 rs.
" " " " as provincias.....1/840 rs.
Escritorio da redacção rua Nova, n.º 45.
onde se recebem todos os annuncios e correspondencias.

SABBADO 14 DE SEPTEMBRO

Annuncios e communicados, por linha. . . 20 rs.
Repetições 10 »
Folha avulso.....50 »
Publicações litterarias 2 exemplares.
Assignaturas pagas adiantadas.

ANNO, 1872

DUAS PALAVRAS.

Vae entrar nas lides jornalisticas mais um novo campeão.

Se, como os heroicos guerreiros da idade-media, d'esse tempo puramente marcial e cavalheiresco, não traz cota de malha ou bronceo escudo, para receber tremendos golpes, apresenta-se, franca e desassombadamente, de casaca e luva branca, bafejado pelo sopro divinal da liberdade.

O LIBERAL não vem mostrar-se ao brilho fulgurantissimo do sol, só porque deseje receber um beijo ardente do astro soberano; O LIBERAL não desdobra hoje o seu aureo manto para dar abrigo a vinganças vis e mesquinhas;

O LIBERAL, enfim, não vem combater o reacionalismo á sombra de incoherencias.

E' mais nobre, mais elevada, mais sublime a sua missão:

Apresenta-se, na arena da imparcialidade, firme e resolutivo.

A vingança, esse prazer dos deuses, já o disse, não tem cabida nas suas columnas.

Ha-de combater o reacionalismo; mas com santa e benefica tranquillidade.

Os actos de este ou de aquelle governo, quando o exigir o bom senso e o interesse de este formosissimo paiz, não lhe passarão despercebidos.

Parece ao LIBERAL que seguindo sempre o caminho que se impõe; defendendo com ardor as crenças da humanidade que são as liberaes, pois que do Christo nos veem; desmascarando, quando a moralidade o ordenar, os falsos, os hypocritas; parece, pois, ao LIBERAL que ha-de merecer a sabia approvação dos homens de bem.

Agora um pedido aos nossos collegas da imprensa liberal:

Somos jovens, o fogo ardentissimo da mocidade brinca na nossa mente, a virgem das vestes candidas, a infeliz victima dos jacobinos, da communa e dos girondinos, é-nos em extremo sympathica; e, por consequencia, imploramos toda a benevolencia dos nossos illustrados collegas.

Aos collegas reacionarios recomendamos: tino, prudencia e... resignação evangelica.

E, sem mais preambulos, annunciamos ao publico o primeiro numero do LIBERAL.

OS PARTIDOS.

Apezar dos gritos, rouquejantes da opposição *múltipla* o governo, presidido pelo snr. Fontes, *continua* recebendo as bençãos do paiz, que, consocio do merito dos senhores opposicionistas *múltiplos*, conhece bem claramente que só os homens do partido regenerador *pode* dar um golpe soberbo no pavoroso e moderno Leviathan chamado — *deficit*.

A opposição n'este paiz é, seja dito sem lisonja, a dança mais engraçada que, por desgraça nossa e de ella, temos, com platonico socego, admirado. Uma cousa assim!..

E senão respondam: o que é, o que faz a opposição?

Em quanto a energia, a intelligencia e boa vontade presidem aos destinos de esta pequena terra; em quanto obras collossaes escrevem nomes immorredouros nos annaes fulgentissimos da historia; em quanto o credito portuguez se revigora; os nossos partidos politicos, em torno do templo sumptuoso da ambição,

Era por tarde amena.

O sol, como que aborrecido do seu brilho, começava a declinar.

As cumiadas dos montes, ainda vestidas com aureo e donoso manto, bem sentiam fugir-lhes o brilho do marido da rainha nocturna; mas em quanto o astro enorme ia descendo pensativo vinha ainda um dos seus mais frouxos raios bater na vidraça de uma casa pequena e singella.

Quem olhasse atravez os vidros veria, encostado a uma meza de ébano, um mancebo com o cabelo em desalinho, a face pallida e as palpebras cerradas. Era elle.

Em que pensaria aquella cabeça requeimada interiormente pelos vapores alcholicos? Na ergia da vespóra? Nos labios descorados das messalinas que beijou?

Um livro, de luxuosa encadernação, servia de apoio aos seus cotovellos.

Seria chimerica aquella meditação? Seria realidade?

O quarto, ou gabinete, pequeno, mas elegante, tem uma porta ao

vociferam, injusta e vergonhosamente, contra um governo, que, se não tem todas as virtudes de Bruto ou Fabricio, conserva intacta uma das mais elevadas virtudes civicas—o patriotismo.

Homens, que voltejaes em roda de um sonho vaporoso, dizei-nos:

Não pertenceis todos á grande familia liberal?

Quando o vencedor de cem batalhas expulsou do recinto sagrado da patria os impios defensores de Ravallac, Jacques Clement, Carlos IX, Luiz XIV, Luiz XV e de muitos outros despotas; quando esse heroe, crestado pelo fumo da gloria, entrou na capital; quando a soberania popular reconheceu os direitos do senhor D. Pedro, não jurastes vós fidelidade á cauza liberal?

Que quer, pois, dizer essa divisão em que vos achaeis?

Não vedes que de esse modo vos enfraqueceis a vós e ao paiz?

Ignoraeis por ventura que as grandes catastrophes das nações são devidas, quasi sempre, á desmoralisação?

E de onde procede esse mal senão de tão numerosas divisões?

Que haja um só partido opposicionista e outro governamental, comprehendendo-se; mas que sejamos Robespierre, Marat, Danton e Saint Just, isto é, que tenhamos quatro ou cinco estomagos diferentes e immensamente devoradores, isto não, não pode conceber-se.

A *Liberdade* essa virgem pura e immaculada como um sorriso do Eterno; essa vestal de candidas roupagens que tem passado, sempre heroica, sempre bella, atravez o bramido trovejante das revoluções; a *Liberdade* que sorriu-se de menosprezo

perante o falso culto de Cromwell e Ireton, e que verteu lagrimas de sangue em White-Hall; a *Liberdade*, repetimos, não é a Messalina que vós apregoaes, não é a Cleopatra impudica que foge dos braços do conquistador das Gallias para reclinar-se indolentemente nos de Antonio.

A *Liberdade* adora os seus crentes; mas deseja vel-os mais unidos, mais amigos, mais irmãos emfim.

Esquecei, pois, rancores pueris, uni-vos n'um estreito amplexo e mostraes a esses carcomidos restos do despotismo que a Meduza, que elles revestiram com um manto sangui-nario, a quem deram forma e vida, não passa de uma visão odienta e asquerosa que os povos desterraram, de ha muito, para o mundo mythologico.

Combatei vossos irmãos quando elles se desviarem do caminho da patria, quando esquecerem deveres santos; mas uni-vos mais, mas sede mais coherentes.

Tomae, unica e exclusivamente, dois partidos: opposição e governo; mas sem outras distincções, mas sem incoherencias.

Se por ventura um dia a patria, mal agradecida, vos apresentar a cúta do olvido morrei tranquillós e virtuosos como Socrates.

Se, durante a vossa carreira politica, encontrardes algum Aristophanes ou Mélitus affastae-o com um gesto de indignação e continuae o vosso caminho.

OS PRIVILEGIOS.

« A lei civil é igual para todos » — diz o nosso Codigo Civil, cap. 1.º, art. 7.º; e todavia não póde ser prezo

hoje deslumbrante? O collo semi-me arqueja-lhe tanto, tanto...

E' Phrynea, é Cleopatra, é Hypatia! o pé remechendo-se por sob a cambraia fina, o pé... mas que diabo de somnolencia é essa? Sentes ainda o calor das orgias d'hontem? Palavra, Jorge, palavra: aquella Rosaura é bella. Fria como um cráneo vasio, sim; mas bella, mas formosa, mas divina.

E a Laura? aquella creatura pallida e fransina que encontramos no baile da viscondessa?

Quantas vezes disse eu áquella mulher: ó v. exc.ª não pode, não sabe comprehender o que é a vida parisiense. Eu estive em Pariz, minha snr.ª, e pude apreciar o que era uma mulher completamente livre. O que ellas não gosam por lá! Ópera, palacios, passeios no bosque de Bolonha, bailes em casa, onde os barões e duques são bastos como tortulhos, emfim exc.ª um gozar perenne, um delirio continuo. O que se v. exc.ª fosse um d'esses seres!

FOLHETIM

ESPURIOS.

Ao seu amigo Paes Villas-boas.

C. VIANNA.

Era um libertino aquelle homem! Nunca um amor vehemente tinha povoado aquella alma gélida, nunca uma lagrima de mulher esplendida o enterrecera.

Mais de uma Haydèa tinha curvado a fronte ao sentir reflectir-lhe no seio palpitante um raio do seu olhar, já um pouco embaciado pelas saturnaes, e sempre aquelle indifferntismo a turbar-lhe o pensamento!

Um dia, na aurora da puberdade, sonhou que devia representar na sociedade um papel originalissimo, e, desde então, a imagem torva e phantastica de Fausto, a visão pavorosa e sarcastica de Mephistopheles, estes dous seres tão allemães, tão intimos de Goeth, dançavam-lhe na mente sempre, constantemente.

o sr. marquez d'Angeja, que, segundo se diz, é o promotor do malogrado movimento revolucionario actual, porque é par do reino! Pois tem-se prendido por provas inconcussas, e por suspeita todos os individuos implicados ou implicados na revolta, mandado e retido a bordo e transferido militares, dando a alguns baixa de posto, e o sr. marquez d'Angeja, porque é fidalgo, e recorda, n'um protesto arrogante, todos os seus nobres antepassados, porque foi embaixador, e é hoje par do reino tem a prerogativa, apesar de ser apontado como cabeça da revolução, de estar a coberto da lei, e não soffrer as penas que aos suspeitos criminosos ella commina!

Isto é um absurdo, um contra-senso! Os confeccionadores das leis deveriam, a nosso ver, antes ter escripto: — A lei civil é igual para todos, excepto para os snrs. pares do reino. — Entende a nossa fraca mas sensata rasão e a nossa intelligencia que teria deuido ser assim redigido aquelle paragrapho do Codigo; mas talvez a rasão mais esclarecida e a intelligencia mais desenvolvida dos snrs. legisladores dessem á lei um espirito que lhe não percebemos.

E' vergonhoso que uma nação constitucional faça d'estas concessões. Volta a epocha dos privilegios, do predomínio da nobreza, da abjeção do povo, da lei dos vinculos, e d'outros principios anti-liberaes ha muito proscriptos?!

Soffre o pequeno; é-lhe dificultado ou tirado o sustento de mulher e filhos, de quem é o unico esteio; e o grande, o nobre, que vive na opulencia e na abundancia, que não precisa ganhar o pão quotidiano da familia, é isempto, só porque é par do reino, de padecer as mesmas penas que os outros cidadãos! E' ou não cidadão portuguez o sr. marquez d'Angeja, e n'essa qualidade sujeito á lei? Está ou não envolvido na conspiração, como por ali se diz? Se a resposta é affirmativa, como de facto é, qual a rasão porque achando-se presas todas as pessoas implicadas na revolta, o não é tambem o sr. marquez d'Angeja? Porque é par do reino, nos respondem, e um par do reino não póde ser prezo. Oh!

E sabes o que me respondeu aquelle ser franzino?

Carregou as sobranceiras levemente e: v. s.^a faz mal em vir contar-me assim a historica e romantica vida das Phrynæas.

Porque minha sr.^a?

Porque o devasso D. Juan tambem não narrava d'esse modo.

E, sem me dar mais cavaco, voltou-me as costas.

Eu, palavra, quiz responder-lhe, queria dizer-lhe que tinha rasão; porque, verdade verdade, o D. Juan era um pouco mais franco...

Mas que diabo tens tu, ó Jorge?

Palavra que se continuas n'esse esquecimento de ti mesmo vejo-me obrigado a retirar-me, porque, franqueza, já esgotei o repertorio.

A estas ultimas palavras, Jorge sacudiu a formosa melena, passou os dedos pelos ciliros negros como um ceu sem estrellas, bocejou um pouco, fitou os olhos no amigo e disse-lhe com santa tranquillidade: ah! estavas ahí?

O' Leviathan pois tu perdeste os meus bocados aureos? O' mumia egypciaca, pois tu, em quanto eu me embrenhava por mundos sem fim, em quanto abraçava Platão e osculava Juvenal, em quanto me extasiava ante Byron e Musset, tu enfermo, dormias como um frade embragado? —

espessa cegueira nos vendou os olhos. Lêde, vós que tendes clara e desanuviada a vista, o art. 7.^o do capitulo 4.^o do Codigo Civil. — «A lei é igual para todos. Entendemos; mas já que o sr. marquez, por um caso especial, não póde soffrer as penas que soffrem os seus concidadãos e, como elle, suspeitos cúmplices no attentado de revolta, para que o perseguir tam acriminosamente, lhe cercaes de tropa a casa? Para ver se o medo da força armada lhe muda as ideias, ou para illudirdes o paiz? Seria talvez melhor increpal-o docemente, e se elle reagisse, se declarasse ser o chefe d'uma ideia desordeira, deixal-o fazer a revolta.

Acabem para todo o sempre essas regalias privativas de passadas eras n'um paiz que se presa e vangloria de liberal, e sejam iguaes perante a lei todos os cidadãos. Não agasalhemos ainda restos das leis aristocratas d'outros tempos; não se reflita na civilização das nações cultas hodiernas a obscuridade espancada pelo facho da liberdade constitucional.

Seja castigado o criminoso nobre com a mesma igualdade e rectidão com que o são todos os outros seus concidadãos. Não seja interpretada a lei d'um modo para uns, e de diferente modo para outros; seja cumprida á letra com inteireza e justiça e imparcialidade.

São dignas dos encomios dos homens pacíficos e de bem, e de toda a imprensa as providencias adoptadas pelo governo para gorar a conspiração e planos de revolta, que levariam a desgraça a todas as classes da sociedade: sem trabalho e sem pão ficariam as classes operarias; seriam roubados e assassinados os proprietarios; os funcionarios sem vencimentos e expostos ás alternativas d'uma nova situação.

Interrumpidos ficariam os melhoramentos materiaes do paiz, e, por conseguinte, a sua prosperidade. Do canto da nossa tribuna congratulamos o governo, o paiz e o rei.

AS NOVIDADES.

O numero 32 das *Novidades*, que ameaça tentativa de seriedade, é, na

Onde estão esses sujeitos todos de que fallas-te? perguntou Jorge com a mesma tranquillidade.

Onde estão? No Tartaro.

Onde fica esse paiz? —

Ah! perdão, nem me lembrava que fallava com o sr. Jorge fidalgo de quatro costados e sceptico escarecedor como Byron e Voltaire, perdão.

Ah! perdão tambem, nem me lembrava que estava aturando o sr. Castanheda, massador como um padre no pulpito e crente como uma rapariga de 15 annos, perdão.

A estas ultimas palavras os dous amigos olharam-se de um modo singular, soltaram estudentissima gargalhada e, sem mais hesitações, lançaram-se nos braços um do outro.

Então que fazias tu meu libertino? perguntou Castanheda.

Eu? Ah! eu... estava immerso em profundas meditações por causa d'este lindo livro.

Que vem a ser isso?

Olha, vê o titulo da obra.

Castanheda cavalgou a sua luneta escura e leu: Historia dos Girondinos por Lamartine.

O' Jorge esta leitura deve ser funebre como a lampada que bruxoleia n'um cemiterio.

Enganas-te: é alegre como o seio d'uma circassiana, voluptuosa como os longos ciliros de uma mulher que morre de languidez nos braços d'um

verdade, um modelo para desejosos e um espelho para os proprios redactores.

« Já tinhamos calado, no fundo de alma, este passado em bem da união da familia portugueza, quando os liberaes nos provocaram etc.»

Este trechosinho copiado das *Novidades*, digam lá o que disserem, é golpe de mestre.

O' reaccionario das *Novidades*, tu que, segundo é fama, és erudito e profundo como Kant, perfumado de palavrões como Musset, gracioso como Juvenal, porque tombas, sem o sentires, do teu solio de ouro no lamaçal da mentira?

Porque falsificas como Cavino e fazes depois rir os outros como Aristophanes?

Porque esbravejas por ser Catinat ou Socrates se, por mais que faças, ha de ter sempre o genio do duque de Chartres da Regencia ou de Métilus?

Em que tempo fizeram os absolutistas uma proposta d'essa natureza aos liberaes?

Bem vemos d'aqui, do nosso humilde logar, que, á palavra proposta, sorri-se o redactor das *Novidades* como que perguntando aos ventos, que brincam por entre as folhas dos chorões, o que quer dizer tal palavra.

Olhe, doutor, nós julgavamos, até certa epocha, que o partido a que v. s.^a pertence, exceptuando cavalheiros respeitaveis, era fanatico como Harrison ou Pedro de Arbues; mas, depois do que v. s.^a escreveu, mudamos de opinião, porque, franqueza franqueza, aquelle epicedio tecido a uma proposta, (e nós a teimarmos!) que entre si fizeram os correligionarios politicos de v. s.^a, é de força commovente e convincente capaz de mudar o curso ao Tibre, quanto mais aos liberaes que, como o doutor sabe, sao isto, aquillo e aquell'outro.

O que sobre maneira nos surpreendeu muitissimo foi o seguinte: em bem da familia portugueza.

Por aqui se vê que o doutor não é nenhum tolo, pois conhece claramente que o partido, de que faz parte, causa damnos ao paiz.

Gostamos tanto de ouvir o doutor, rouxinol das ruinas do passado, que,

Romeu impudico e devasso, perfumosa como uma garrafa de Toquay! —

Ora adeus! pois tu devéras achas que as imagens hediondas de Marat, que no seu «Amigo do povo» vociferava como um tigre, pedindo cabeças e mais cabeças; de Danton eruzando os braços ante as nobres victimas que passam espetadas em paus; de Robespierre que, depois de ordenar milhares de assassinatos, vota sem hesitar pela morte do pacifico Luiz XVI; achas, repito, que uma revolução salpicada de sangue innocente possa lá ter esses predicados, essas bellezas que bailam na tua fronte escandecida? Não leias mais esse livro Jorge, não te deixes arrebatar por esse ninho de crimes sanguinarios.

Nescio que tu és! A uma revolução donde emanou tão grande bem, onde as ideias de Voltaire...

De Voltaire? interrompeu Castanheda. Vê tu que santo apóstolo me apresentas! Voltaire, esse milionario sarcastico que de tudo zombava, esse louco que tudo queria submeter á sua rasão, é, na verdade, bem digno da tua apothese.

Voltaire, exclamou Jorge erguendo-se com o olhar scintillante de colera, Voltaire foi o sol esplendoroso do seculo passado; o Cromwell das ideias novas e grandiosas; o rude athleta a cuja força divina se cur-

com a devida venia, continuamos a transcrever:

« E para que nada faltasse ao presente apparecem os liberaes accusando-se uns aos outros de conspiradores, e confessando-o cinicamente entre outros etc. etc.»

Segundo diz o redactor das *Novidades*, isto por cá vae bom porque já agora nada falta. Ora ainda bem.

A respeito do que diz o collega das taes conspirações, fazemos-lhe a justiça de acreditar que não falla serio, apesar de o parecer.

O doutor tem conhecimento do que é a humanidade?

Não precisa que lhe apontemos muitos factos historicos, que provam exuberantemente que os defensores de Jacques Clement, do conde de Bastos etc. etc. andaram sempre em guerras fraticidas, pois não?

No entanto se o collega, sem nos provocar com linguagem de laçao, como costuma, exigir que lh'o provemos póde mandar sem cerimonia que, palavra de honra, será servida esplendida e magnificamente.

Continúa o doutor a escrever e dirige certas amabilidades ao *Aquello do Bracarense*.

Quer um conselho collega? Deixe-se de escrever d'esse modo contra um homem que, por muitos titulos, lhe deve merecer mais veneração.

E lá está o doutor a rir-se por nos ver defendendo o *Aquello*...

Olhe, venha cá, não ria que o caso é serio...

E lá está, lá está o doutor a rir-se tão diabolicamente como o Satan de Alvares de Azevedo.

Quer saber porque defendemos o *Aquello* das suas calumnias, collega?

Porque temos brios; porque somos gratos: porque não somos perfidos e perjuros, como alguns partidarios do infante D. Miguel; porque calcamos sempre as paixões e abraçamos a imparcialidade; porque somos liberaes finalmente.

Se n'este escriptosinho encontrar o collega alguma phrase um pouco mais forte, queira perdoar-nos.

O collega é tão bom, tão bom que, ousamos affirmal-o, esperamos a absolvição para o tal peccadito, se o houver.

vou mais de uma potencia; o enorme Atlas, que, com um leve agitar de hombros, fez estremecer o Vaticano; o raio deslumbrantissimo, que, fuzilando por sobre a sotaina jesuitica, que se abrigava sob o manto do papa, desmascarou aquella cohortia de bandidos hypocritas...

Uma golphada de sangue impediu que o strenuo defensor do philosopho francez fosse por diante.

Vê tu Jorge onde te leva o teu zelo! —

Jorge fictou com toda a tranquillidade o sangue vermelho como lacre, ergueu depois a cabeça e com toda a tranquillidade:

Enganas-te: aquelle cuspe avermelhado occupava bom logar; a meu pezar aspirei uns atomosinhos das tuas falsas doutrinas e o sangue, affectado por ellas, irrompeu, como lava ardentissima, pelo canal da caixa thoracica e tombou no pó... perdão no sobrado.

Admiro-te sangue frio, Jorge; mas, em veneração da tua saude arruinada, mudemos de conversa e esqueçamos Voltaire.

Esquecer Voltaire? Não, não; continuemos: este assumpto é tão delicioso como um sorriso gelido e ironico de Byron. Em veneração, pois, da minha saude continuemos a fallar do antistete gigante do seculo de Mirabeau. (Continuar-se-ha).

O collega se nos concede licença vamos transcrever, d'um outro artigo das suas *Novidades*, uns versos de Nicolau Tolentino. Concede pois não? Este collega é um santo!...

Eis os versos:

Falla em São Bartholomeu
E quasi que as gottas conta
Do sangue que então correu;
E certo as folhas aponta
Da historia que nunca leu.

Que nunca leu, hein?

O' Nação, raposa velha e matreira,
és perola sem jaça brilhando á superficie d'uma cortiça!

Que nunca leu, hein?

Ler? Quem falla cá n'isso?!

Ler? Nada, nada; esse progresso é privilegio unico da Nação, Futuro e Bem Publico: os outros, o resto, não tem entrada em tal palacio.

Ora, Deus Nosso Senhor não fará um dia uma obra de charidade?!

O FUTURO E A NAÇÃO.

São filhos do mesmo ventre.

Um nasceu quando o sol da revolução dardava por sobre a treva com todo o seu fulgor; o outro viu luz do dia quando a arvore da liberdade tinha já dado novos e robustos rebentões.

O mais velho, crente nos seus rincipios jesuiticos, inquisitorias e absolutistas, observando que avir-em pudica e archangelica, a Liberdade, caminhava ainda lenta e ausadamente tentou, do alto do seu throno hypocrita e fanatico, apunhar a heroica vestal; mas o tempo assou, a liberdade consolidou-se e le, o acerrimo defensor dos milares, do cacete, da fogueira, do perrio e da sotaina petrolina, elle, o rrulo proscripto, soltou um grito edonho, e, qual outro Jeremias, hindo de brucos por sobre as ruins de um passado sanguionario, tôa agora tristes e pavorosos epidios ao Deus da Inquisição, con-rando-o a despedaçar, com a sua irra adunca, esta raça de entesios mysteriosos que dormem risotos e tranquilos á sombra da li-rdade!...

O outro, o mais novo, o junior, ndo seu desgraçado irmão entre-e a profunda desesperança, esfreu os negros cilios e aconchegan-se d'elle disse-lhe, com voz la-imososa: eis-me aqui irmão prompto amparar os teus passos vacillantes. Eis-me aqui, cheio de fé e coram, decidido a morrer contigo n'es-lucta infernal, mephistophelica. Se o puder-mos ser Diomedes ou Hei-res, Catinat ou Castro, sejamos Cano ou Bassiano, sejamos cátharos nfm; mas não desaninemos, mas o fujamos, mas não mostremos queza».

E o mais velho, admirando tanta lentia, tanta perspicacia n'uma ança tão franzina, tentou erguer qual medonho Adamastor; mas, ntindo fraquearem-lhe as pernas, tomou a posição primitiva e res-ndeu com voz rouquejante e so-rua:

«E' tarde irmão, é tarde... o ven-da velhice passou pelos meus lon-s e ruivos cabellos e enbranquei-mos... o rheumatismo entrou-nos ossos e trouxe-me a fra-za... e a voz do destino, ehoando monte a monte, parece dizer: se o Rei-chegou, foi-se impellido aracaty dos selvagens...»
Fallando assim, o velho jesuita chuzou uma grossa lagrima, dei-pender, por sobre o seio, ta-ado de brancos pellos, a fronte reita como a de um japonéz e fi-se a meditar como a rocha pon-zuda que se eleva no Libano.

E o mais novo, condoendo-se de tanta desgraça, fitou no cabido athleta um olhar de beatifica dôr, levou as mãos á garganta como que para conter o mar de soluços, que ameaçava irromper pelo esophago sem se importar com a pharynge, e o mais novo, repetimos, vendo tanta fra-queza, partio murmurando:

Que importa? E' preciso lutar? pois bem, lutarei. Que o Deus de Isaac e Jacob me não desampare e... ah! sim, sim: que Allah seja comigo.

E seguiu, e caminhou. Sentiu as areias das praias bate rem-lhe no rosto, as folhas secas embarçarem-lhe a passagem, as rãs mostrarem, á superficie azul dos lagos, a cabeça e não trepidou.

E seguiu, e caminhou sempre. Depois de muito andar chegou ás portas de uma cidade antiga, e bateu. Franquearam-lhe a entrada.

Quem és? perguntou-lhe um grupo de gente que conversava n'uma das ruas mais centraes.

Sou o reaccionario. O grupo olhou compassivamente para elle, soltou uma gargalhada e voltou-lhe as costas.

Julgaram-no doido. Pensam que a creança desanimou? Nada, não senhores: continuou a caminhar sempre, sempre.

Alinal, chegando quasi ao fim de uma rua, olhou para uma casa de pobre apparencia e entrou.

Viu muita gente entretida a brincar com umas letras feitas de uma liga de bismuth e zinco e perguntou o que era aquillo.

Tudo isto que vê é uma imprensa. O que vem a ser uma imprensa? Explicaram-lh'o.

De ahí em diante o pequerrucho começou a escrever. Dias depois sahio um papel com este titulo — *O Futuro* — e a gente que o lia perguntava: que quer este homem?

De vez em quando o reaccionario estremece de jubilo quando recebe um papel que lhe manda o irmão, mas que não é escripto por elle, intitulado: *A Nação*.

O OLHO VIVO.

Ha muito tempo que n'esta terra, se falla, alto e em bom som, d'uma celebre companhia—do olho vivo;—contam-se as suas façanhas e obras meritorias, e, até hoje, ainda, não houve uma auctoridade, que se lem-brasse de saudar os passos d'estes honrados cidadãos, para premiar, precisamente, seus feitos gloriosos!

E' pena; mas um dia virá, em que tudo terá seu premio. O olho vivo, segundo nos consta, é uma companhia de homens honrados, *amigos do alheio*... e protectores dos desvalidos... Milhares d'exemplos tem dado de essa dedicação, desinteresse e abnegação!.. Santos varões, que, aqui e ali, vão á porfia levar ao seio das familias, a quem o infortunio quer visitar, o consolo e a ventura emfim!..

Dizem-nos que, quasi todos os dias, se reúnem debaixo d'arcada d'esta cidade, em numero de quatro, ou cinco incluindo a mulher d'um d'elles, que é a thesoureira, e n'essa qualidade conduz a bolsa, debaixo da capa, ou capote que sempre uza. Ahi fallam e resolvem o que devem fazer, e depois lá vão aquellas boas alminhas caminhando pelas ruas da cidade, escutando aqui, espreitando acolá, até poderem encontrar algum desventurado, que, perseguido pela desdita, se lhes vem lançar nos braços e implorar auxilio. Encontram-no emfim; enxugam-lhe o pranto amargo, suavizam-lhe o soffrimento,

valem-lhe ao apuro em que se acha, e depois, sem exigirem remuneração alguma, deixam-no admirado, estatico dando graças ao Creador por lhe deparar tam bom encontro?!

Linguas viperinas tem querido desconceitoar aquellas honradissimos cidadãos, deprimindo-os sempre que fallam d'elles, e levantando-lhes as mais torpes e infames calumnias; mas é tudo em vão, porque Braga já os conhece... Braga já não crê n'esses libertinos que tem querido equiparar uma companhia benefica a um rancho de ladrões; uns homens de bons costumes, a vadios e traficantes, finalmente homens esmoleres e caritativos a vampiros infames, sanguessugas insaciaveis do alheio, e serpes venenosas que engordam e vivem com as lagrimas dos infelizes a quem illudem.

Que importa, que digam, que elles se aproximam da viuva que chora, por se vêr vexada por um credor de seu marido, e que com fingida piedade, dizem querer valer-lhe, tirando-a do apuro em que se acha, e a vão collocar na indigencia!..

Que importa, que digam, que elles fazem contractos simulados e fraudolentos!..

Que importa, que digam, que elles por 200\$000 reis fazem firmar titulo obrigativo do duplo ou treduplo!

Que importa, que se diga, que elles, além d'isto, ficam muitas vezes com dous titulos de uma só vida, ambos elles exigueis e que parecem ser de diversa proveniencia!..

Finalmente que tem feito muitas outras ladroerias, e que alguns d'elles que nada tinham, hoje tem casa sua propria; andam endinheirados e fumam charuto, quando n'outro tempo só podiam fumar alguma ponta de cigarro!..

Que importa? vozes de burro não chegam ao céu. Caminhae bondosas criaturas, que se n'este mundo não receberes o premio merecido, no outro sereis bem recompensados.

(Continuaremos).

REVISTA ESTRANGEIRA.

A nossa amavel e poetica visinha vae vivendo, como sempre, entregue aos seus profundos pesares.

Rica e poderosa outr'ora, quando os seus galeões carregados de ouro sulcavam as ondas do colosso aquatico, mas sempre com o diabolico abutre de Prometheo a roer-lhe as entranhas, hoje sem prestigio, sem riqueza, entregue a uma variedade infinita de ambiciosos eupatridas, pode ser apontada como o symbolo significativo do retrocesso.

Segundo se deprehe de dos jornaes ultimamente recebidos os carlistas, desesperados da luta que tem sustentado, intimamente convencidos de que as suas seductoras palavras não dão o desejado exito, parecem inclinados a ligarem-se com os republicanos intransigentes.

Não sabemos se isto é verdade, mas, seja lá como for, parece-nos que os partidarios de D. Carlos andariam mais bem avisados se acordassem do seu somno enganador.

O governo hespanhol comtudo já mandou tomar medidas serias.

De além dos Pyreneos são pouco importantes as noticias.

Os jornaes francezes quasi se occupam da intrevista dos tres imperadores em Berlim e das sessões dos conselhos geraes dos departamentos, já, pela maior parte, encerradas.

Estas sessões, segundo se deprehe de da leitura de varios jornaes, tornaram-se notaveis pela cordura

com que em todas se procedeu, respeitando todas ellas a lei.

Na patria de Mazzine o governo acha-se um pouco perplexo com a lei da extincção das corporações religiosas.

Diz-se que o venerando Pio IX sahirá de Roma; mas crêmos que a profundo repugnancia que domina o illustrado Pontifice em não querer, por modo algum, abandonar a terra de tantas maravilhas é um obstaculo fortissimo que se oppõe a tal resolução.

E demais: que ganhará S. S. em abandonar a cidade de Roma? Crêmos que nada.

Faz pois muito bem o Summo Pontifice em não querer dar ouvidos aos que o cercam e que berram em redor d'elle, tentando fazer-lhe crêr que vive preso no Vaticano.

Nós não somos inimigos do Papa: lamentamos, do fundo de alma, que aquelle velho tão venerando passasse pelo desgosto de ver invadidos os seus estados; quizeramos, porém, que S. S. procedesse mais christãmente, quizeramos, emfim, que o orgulho tivesse menos entrada no Vaticano.

E' verdade que, ousamos dizel-o, crêmos piamente que Pio IX foi dominado pelos que o incensam mais de perto, e não pela sua alma recta e pura.

A manifestação anti-austriaca que se fez em Belgrado foi em extremo significativa.

O representante da Austria, apesar das precauções da policia, soffreu algumas couzas desagradaveis, em quanto que o da Russia recebeu provas de muita sympathia.

Os jornaes russos fazem diversos commentarios sobre a entrevista em Berlim; são, todavia, todos concordes de que ella nada tentará para alterar a paz da Europa.

No Mexico continúa ainda o mesmo ministerio.

A revolução parece que vae diminuindo sensivelmente.

O imperador Napoleão foi intimado por Henri Peion para pagar a impressão do livro — *Historia de Julio Cezar*.

CORRESPONDENCIA

FAFE.

E' assaz ardua e um tanto laboriosa a missão do correspondente, que explorando todos os factos succedidos na localidade para satisfazer ao cargo, que lhe está confiado, não pôde de fórma alguma, pela escassez dos mesmos, dar cumprimento aos seus deveres.

Como, porém, na proxima quinta feira se tem de publicar o primeiro numero do *Liberal*, desejava, pois, que no mesmo se inserisse esta minha exigua correspondencia, na qual, como fiel chronista que sou, presumo que apenas direi a verdade.

Foi transferido, como devem saber já, o muito digno Delegado do Procurador Regio n'esta comarca o exm.º sr. dr. Antonio Duarte Marques Barreiros para identico cargo na comarca d'Almada.

Parece-me, e julgo poder dizer com franqueza e sem receio de ser desmentido, que s. exc.ª não deixou aqui um só inimigo. Foi tal o bom desempenho no cumprimento de seus deveres, já como homem e já como empregado publico, que s. exc.ª captivou todos os animos sobremaneira e d'um modo total e completamente admiravel, a ponto de todos sentirem a sua transferencia.

Durante o tempo que aqui esteve

s. exc.^a mostrou-se sempre um magistrado circumspecto, serio e imparcial, accusando os criminosos com toda a força de sua alma, e com aquella eloquencia de que é dotado, e protegendo os que tinha d'accusar, quando divisava n'elles a innocencia. Eu, pela minha parte, lamento profundamente a transferencia do snr. Barreiros, felicitando-o ao mesmo tempo pela realisção de seus intentos — o desejo de viver junto de sua familia.

Congratulem-se pois os Almadenses por encontrarem á sua frente um magistrado scientifico, e que poucos, sem intenção d'ultraje, poderão imitar; e a nós reste-nos ao menos a esperança de que o snr. Barreiros vai ser substituido pelo snr. dr. Calheiros, o qual, segundo nos informam, não deixará nada a desejar na execução de seu cargo.

Bem vindo seja o snr. Calheiros, e oxalá que os povos d'esta terra o vitoriem tanto como ao seu antecessor.

— Esteve aqui o exm.^o snr. dr. Ricardo João Pimentel Baptista, juiz de Direito que foi n'esta comarca, e hoje na d'Estarreja, e mais sua exm.^a esposa, partindo hontem para Espinho para onde vão fazer uso de banhos.

— Conta se por aqui um facto, não sei se com verdade ou sem ella, tão descarado e escandaloso, que muito convém se manifeste ao publico para que assim fique conhecendo a que ponto chega a avareza d'um individuo que abaixo o personalisarei, e que com effeito fiquei surprehendido quando me declararam positivamente ser verdade o que em seguida passo a expôr.

Ha dias estabeleceu o snr. José Joaquim Fernandes Ribeiro d'esta villa em sua casa um deposito de tabacos concernentes á fabrica de — Boa-fé e Sancta Apollonia. Sabendo d'isto o snr. Antonio d'Almeida e Sá, que tambem vende tabacos, mas da fabrica de Xabregas, cégo e dominado pela emulação, e impellido dela avareza illimitada, sem pensar mais um só instante e para vingança mesquinha d'aquelle seu antagonista, ousou dizer ao chefe dos tabacos, estacionado em Guimarães, que viesse fazer uma apprehensão de tabacos a casa d'aquelle snr. Fernandes, porquanto que os tabacos que em seu poder estavam não tinham sido acompanhados da respectiva guia, deprehendendo-se pois ser *contrabando*, e que o fiscal que aqui se acha encarregado nada fiscalisa áquelle mesmo snr. Fernandes, porque recebia d'elle grandes offertas.

Haverá pois pessoa alguma que se atreva a praticar factos tão cavilozos como o snr. Sá praticou, se é verdade o que se conta?

Haverá pois quem se atreva a idealisar um estratagemá tão sagaz como o snr. Sá idealisou?!

Factos d'estes, quando verdadeiros, não se commentam.

Por hoje bastará que está a partir o correio, reservando para a primeira o ser mais prolongado.

X.

NOTICIARIO.

Nos prospectos que espalhamos para annunciarmos a sahida da nossa folha intitulosmos esta — *Correio de Braga*; mais tarde, porém, combinamos baptisá-la com o nome de — *O Liberal*.

Siva isto de aviso aos que nos honraram com as suas assignaturas.

Pedimos tambem desculpa por *O Liberal* não sahir, no dia convencionado, isto é, á quinta feira; promettemos, comtudo, d'hoje em diante,

sermos punctuaes como um subdito britanico.

Fez hontem annos que os liberaes alcançaram victoria contra os miguelistas, no anno 1833, no reconhecimento da serra d'El-rei junto a Peniche.

Parece ainda não estar resolvido qual o sitio aonde deve ficar a estação principal do caminho de ferro a esta cidade; todos aguardam tal resolução para saberem se se attende a conveniencias particulares, ou ao bem commum e melhoramento da cidade.

Todos sabem perfeitamente, que a estação quanto mais proxima ficar do ponto para onde são a maior parte dos transportes, muito mais vantajosa se torna, não só para o commercio, mas tambem para todo o povo, porque com maior facilidade retira os depositos que lhe pertencem, e, sobretudo, paga menos de sua condução.

Um sitio importante, e o mais adequado para tal, é n'aquelle terreno ao sul da rua da Boavista, (estrada a Ponte do Lima), proximo da casa do snr. Bernardo Pinto da Cunha Barbosa, ou então no lado opposto, no campo denominado — de João de Faria.

Estamos convencidos que as pessoas a quem este negocio está entregue, pensarão maduramente sobre elle, visto a sua summa importancia.

Assim o esperamos.

Agora que Braga, cidade antiquissima e terceira capital do reino, parece querer sair do estacionamento em que jazia ha tantos annos, e principia progredindo em melhoramentos, veremose a exm.^a camara, volvendo os olhos para a rua dos Capellistas, e encontrando ali um estabelecimento que lhe é immensamente prejudicial, providenciará como deve.

Este estabelecimento immundo, aonde se vende peixe, que muitas vezes exhala putrido cheiro, collocado n'uma rua de commercio, no centro da cidade, todos sabem que é a Alfandega. No local aonde está este deposito de aquaticos, e de bombas, ouvem-se, a cada passo, amabilidades frisantes, que vão ferir o mais desafinado tympano dos transeuntes; e, por conseguinte, é de ultima necessidade, não só para bem da moral publica, como da hygiene, que o tal deposito se mude para outro logar mais proprio.

Ha diversos logares muito adequados para a boa collocação d'elle, como todos sabem: sendo um dos melhores qualquer dos lados da praça que se anda organisando. Aqui ficaria perto para todos, e augmentaria consideravelmente a mesma praça.

Esperamos que se olhe como deve para este importante melhoramento, que é um dos d'ultima necessidade.

Continuam com muita actividade os trabalhos de terraplanagem na estrada para a via-ferrea d'esta cidade ao Porto.

Foi concedida licença por 60 dias ao exm.^o snr. Antonio d'Amorim e Silva, dignissimo coronel d'infanteria n.^o 8, para fazer uso dos banhos do mar.

Está com o commando do bravo regimento 8 o snr. tenente-coronel Lermont.

Está interinamente servindo de reitor do lyceu nacional d'esta cidade, e de commissario dos estudos, o exm.^o snr. dr. Pereira-Caldas, respeitavel professor do mesmo lyceu e distincto escriptor publico.

AGRADECIMENTO

João Marcos d'Araujo Ribeiro, e suas irmãs D. Maria Magdalena Ribeiro d'Araujo e D. Josefa Rosa Ribeiro d'Araujo, não lhes sendo possível ir pessoalmente, como desejavam, agradecer a todas as pessoas que se dignaram cunprimental-os por occasião da morte de sua extremosa e sempre chorada mãe D. Gertrudes Umbelina Pereira d'Araujo, e aos srs. capellão e coreiros da Misericordia, e mais ecclesiasticos que assistiram ao seu officio funebre e celebraram missa por sua alma, o fazem por este meio, protestando-lhes sua eterna gratidão.

ANNUNCIOS.

Por este juizo, e cartorio do escrivão ajudante Ribeiro, se tem de proceder no dia 6 d'Outubro, do corrente anno, á arrematação dos bens descriptos no inventario orphanologico que, pelo mesmo juizo e cartorio pende seus termos por fallecimento de Thereza Maria dos Santos, da freguezia de S. Paio de Merelim; cujos bens a arrematar são os seguintes:

Um talho de terra lavradia, sita na Veiga de Ruães, da dita freguezia de S. Paio de Merelim, d'esta comarca; o qual produz pão e vinho e acha-se avaliado na quantia de quatro centos e sessenta mil reis.

Na mesma freguezia e logar de S. Roque, uma morada de casas terreas com seu pequeno quintal, avaliadas na quantia de setenta mil reis.

No logar supradecarado, mais um bocado de terra lavradia, tambem produz pão e algum vinho, avaliada na quantia de trinta e seis mil reis. Declarando-se que se exclue da arrematação a morada de casas n.^o 11, por assim ser ordenado no alludido inventario: cuja arrematação se fará no indicado dia á porta do Tribunal Judicial, erecto no largo do Paço, pelas 9 horas da manhã. (1)

Pelo juizo de direito d'esta cidade e comarca de Braga, e cartorio do escrivão ajudante João Marcos d'Araujo Ribeiro, correm editos de 10 dias a citar todas as pessoas que se julgarem com algum direito á quantia de vinte e quatro mil reis, penhorados a José Bernardo da Silva Medam, viuvo, d'esta cidade, e hoje auzente em parte incerta, na execução que lhe promove a F. N.; cuja quantia se acha depositada em poder de José Custodio da Silva Mattos, proprietario, morador na rua d'Oliveira, d'esta mesma cidade, o venham deduzir no dito prazo, sob pena de se passar mandado de levantamento em favor da mesma F. exequente.

O solicitador,

Manoel Joaquim Antunes. (2)

Pelo juizo de direito d'esta comarca de Braga, e cartorio do escrivão-ajudante João Marcos d'Araujo Ribeiro, tem d'andar em praça no dia 6 do proximo mez d'Outubro, para serem arrematados pelo maior lance que fôr offerecido, os moveis, rendimentos presentes e futuros, e fructos pendentes penhorados a Domingos Pereira, jornalista, da freguezia de Gualtar, d'esta comarca, na execução que lhe promove a F. N., a saber:

Uma caixa de pinho, pequena, com

chave e fechadura, avaliada em 340 rs. Os rendimentos presentes e futuros d'uma casa e eido junto, de terra lavradia, sito no logar da Lage, freguezia de Gualtar, avaliada em 4\$000 réis.

Os rendimentos presentes e futuros do campo dos Ressadas, sito na predita freguezia; produz pão e vinho, e foi avaliado em 41\$200 reis.

Os fructos pendentes d'este campo, que foram avaliados em 40\$975 (25 alqueires) de pão—10\$000 rs., e 47,400 (2 almudes) de vinho 1\$200 reis.

Os preditos rendimentos serão arrematados pelos annos que preciso forem para completo pagamento da execução.

O solicitador da F. N.,

Manoel Joaquim Antunes. (3)

Pelo juizo de direito d'esta comarca de Braga e cartorio do escrivão-ajudante João Marcos d'Araujo, no dia 20 d'Outubro proximo tem d'andar em praça, para ser arrematada pelo maior lance que fôr offerecido, uma morada de casas sobradadas com seu quintal e poço meiro, designada pelos n.^{os} 57, 57 e 57 B. situadas na rua de S. Victor, d'esta cidade, de natureza de prazo de que é directa senhora Mitra Primaz, e emphyteuta o possuidor da quinta da casa Grande quem se paga o fóro annual de 500 reis, e o laudemio da quarentena.

E' o seu liquido rendimento annuo a quantia de 56\$500 rs., e o liquido valor, deduzidos todos os encargos 1:101\$750 reis.

Pertence a Domingos Antonio Antunes e mulher Thereza Maria Jesus, d'esta cidade, e vae á praça por assim ser promovido no processo de requerimento pedindo a arrematação para sob-rogação de bens ctaes, em que aquelles são requerentes, com assistencia do Dr. Delegado Procurador Regio n'esta comarca.

O solicitador,

Filippe Joaquim de Souza. (4)

Pelo cartorio do escrivão Moisés a requerimento do juiz e mesario da confraria do SS. Sacramento freguezia de Priscos d'esta comarca corre citação edital, pelo prazo de 30 dias, que começaram em 20 de Agosto preterito a chamar o auzente em parte incerta, Manoel José Souza Cruz afim de fallar a uma acção de libello que por divida lhe move o dito juiz e mesarios; com pena de revelia.

O procurador,

Antonio José Borges. (5)

Arrenda-se parte da casa do campo de D. Luiz, n.^o 1, quem a pertender, falle na mesmidade com Joaquim José Gonçalves Lemeiro. (6)

LECCIONAMENTO DE FRANCEZ.

João José Alves d'Araujo, mór na rua das Agoas, n.^o 102, achado-se habilitado pela sua longa e assidua estada em França e assiduo estudo para leccionar francez, annuncia que por modico estipendio mensal, meçará o seu leccionamento no dia 1.^o d'Outubro, prometendo desd'habilitar sufficientemente os seus alumnos para o exame final. (7)

Este jornal está habilitado.

BRAGA: — Typ. de D. G. Gouv
Rua Nova de Souza, n.^o 45.